



Projeto de Assentamento Sete de Janeiro: a certeza de que a luta só se constrói em união

No extremo norte do estado do Tocantins, em uma cidade que faz divisa com o Pará, chamada Araguatins, encontramos uma história que torna real e concreto o significado de uma frase que certamente muitos de nós já ouvimos várias vezes: “a união faz a força”. É a história do Projeto de Assentamento Sete de Janeiro, fruto do primeiro acampamento a ser implantado na região do Bico do Papagaio, e que leva este nome porque foi nesta data, no ano de 2006, que 313 famílias decidiram acampar em frente a uma fazenda, com o desejo de conquistar sua própria terra.

Maria Raimunda Alves Oliveira, mais conhecida como Maroca, faz parte de uma dessas tantas famílias que, como ela disse, tinham o sonho de “ter um pedaço de chão pra trabalhar, pra criar os filhos”. Dez meses depois, entre 13 e 15 de outubro de 2006, o sonho se tornou realidade: o acampamento virou assentamento e 46 famílias foram sorteadas com um lote de aproximadamente 5 alqueires para poderem viver, plantar, colher e criar seus animais com liberdade. Além de cada um ter seu cantinho, as famílias também contam com o espaço de uma Reserva Legal coletiva de 70 alqueires na propriedade. Essa área é bem importante, porque garante o uso sustentável dos recursos naturais, com cobertura de mata nativa e preservação da biodiversidade.

Quem ajudou muito neste processo foram as entidades da região: o Sindicato Regional, a APA-TO (Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins), a MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu), a ASMUBIP (Associação Regional de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio). A Maroca sabe: “eu acho que por isso que foi tão rápido assim a gente ter conseguido”. Sem contar com o apoio e a luta de tanta gente, não teria sido possível. A união fez a força.

Como toda luta, a conquista do assentamento também teve seus desafios. Um deles é que uma outra comunidade, de Buriti do Tocantins, também já tinha reivindicado aquele pedaço de terra em outros tempos. Mas mais uma vez, o que ajudou a resolver a situação



foi a união e o diálogo. Dos 46 lotes sorteados, metade ficou para um grupo e metade para o outro. Como Maroca aprendeu com tudo isso e nos ensina, “se agir cada um por si e Deus por todos, não resolve muita coisa, tem que ser todo mundo junto, aí as coisas se resolvem de forma amigável e bem pra todo mundo”.

Essa mesma dinâmica permaneceu depois de estarem assentados. Uma outra dificuldade que as famílias enfrentaram foi o fato do fazendeiro ter demorado para desocupar toda a fazenda. Por conta disso, alguns levaram mais tempo para entrar na terra. Mas um foi ajudando o outro da maneira que podia: na construção da casa, pra fazer poço, pra preparar horta. Aos poucos, cada família estava criando seus porcos, galinhas, gado, plantando arroz, milho, feijão, macaxeira. O Projeto de Assentamento foi criando vida.

E foi justamente nesse dia a dia do trabalho com a terra que mais uma vez a união se fez presente na história do Sete de Janeiro. Junto com o Projeto de Assentamento Nova União, criaram em 2014 um grupo agroecológico composto por mulheres, homens e jovens que tinham o desejo de produzir sem usar veneno. Faziam mutirão para fazer SAF (sistema agroflorestal) e hortas que, além de trazer bem-estar e saúde, por garantir alimentos saudáveis, também ajudaram no bolso. Arroz, feijão, batatas, folhagens, milho, carnes, ovos. Tudo isso deixou de ser comprado no comércio, porque agora já se tinha na própria terra. Foi possível estruturar melhor a renda. Maroca conta que com essas economias, conseguiu até já comprar tanque de lavar roupa, cama para seus filhos, trazendo mais qualidade de vida para sua família.

As dificuldades ainda existem no caminho. De vez em quando falta água, mesmo que a cisterna tenha ajudado muito a amenizar esse desafio; algumas pragas aparecem nas culturas e exigem que se experimentem diferentes defensivos naturais até encontrar um que dê mais certo; e há também a incerteza da comercialização, por não haver um ponto de venda específico pro grupo, que hoje em dia se encontra um pouco mais desmobilizado.

Porém, mesmo que haja fases mais difíceis, o importante é não deixar de buscar alternativas e de sonhar. E sonho é o que não falta no coração das famílias do Sete de Janeiro. O desejo de ter um lugar fixo para armazenar as produções e também para comercializá-las é algo que impulsiona o grupo agroecológico a seguir caminhando. Mas muito mais profundo que isso é o sonho de ver o grupo crescer, de contar mais pessoas, porque eles sabem e nós também: a luta só se constrói em união e juntos a gente vai mais longe.



Realização: ATTRSJ, APA-TO e Rede Bico Agroecológico

Apoio: PPP-ECOS, IAF e MISEREOR

Texto: Clara Mabeli

Revisão: Selma Yuki Ishii

Fotos: APA-TO e ISPN

Diagramação: Gustavo Ohara

